

Carta da América IV

A política norte-americana está repleta de ironias, a começar por esta: a mais antiga e madura democracia mundial é hoje vista em grande parte do globo, graças ao conflito no Iraque, como uma potência imperial clássica, determinada em dominar o mundo.

Por vezes, no entanto, as mais pequenas ironias contam as histórias mais interessantes.

Veja-se o recente deslizar norte-americano para o «tribalismo». Os sinais estão todos lá. A velha tradição anglo-saxónica do debate respeitoso, tão aperfeiçoada pelos britânicos e exportada com sucesso para os Estados Unidos, está rapidamente a degenerar num exercício adolescente de ofensa verbal, à escala nacional. Existem argumentos intermináveis que grassam entre pequenos grupúsculos. Os adversários políticos já não dialogam entre si – apenas disparam uns contra os outros. O ambiente é tal que já nem se tenta persuadir os indecisos, sendo os discursos dirigidos apenas para os círculos de apoiantes.

Esta situação é particularmente evidente na actual explosão de livros políticos populares. Há inúmeras obras escritas para, e por, peritos de determinadas facções políticas. A pretensão de argumentar desapareceu; em seu lugar, domina a venda de livros a pessoas que partilham as mesmas ideias, reduzindo, desta forma, o que resta de uma classe de peritos políticos a líderes básicos de cultos baseados na personalidade.

O exemplo mais flagrante é, provavelmente, o recente livro do analista conservador Dinesh D'Souza, *The Enemy at Home: The Cultural Left and Its Responsibility for 9/11*, no qual o autor sugere mesmo que a esquerda norte-americana e os seus valores «permissivos» foram os principais responsáveis pelos infames ataques de 11 de Setembro. Dado que ninguém, no seu perfeito juízo, será convencido por esta tese absurda, o objectivo do livro não é, claramente, convencer seja quem for, mas sim vender livros a pessoas que estejam inclinadas a pensar o pior possível acerca da América «liberal». Há dezenas de livros deste género, escritos a partir de pontos de vista da direita e da esquerda, e a crescente popularidade do *feedback* instantâneo da Internet apenas amplifica a luta entre as partes litigantes.

O padrinho deste movimento neo-tribalista é, sem dúvida, Karl Rove, a *eminência parda* da Casa Branca – o «arquitecto», como é apelidado pelo Presidente Bush – e aquele que é, normalmente, considerado pelos especialistas como grande responsável pelas duas vitórias presidenciais de George Bush. De acordo com o sistema Rove, a chave para a vitória eleitoral não é a preocupação em convencer os eleitores a votar no candidato, mas sim agitar a sua base política, que tem um interesse pessoal nas questões que representa, ao mesmo tempo que se reduz o voto na oposição. É um exercício que requer uma repetição constante de frases que são facilmente compreendidas pelos apoiantes. Assim, se alguém está à procura das razões pelas quais Bush não cede, parte da resposta está no seu principal conselheiro político, que o convenceu que pregar para quem já acredita é a forma de ganhar eleições.

Assim sendo, qual é o actual antídoto provável para todos este tribalismo? Numa palavra, Obama. Sim, o filho de um pai queniano e de uma mãe branca do Kansas é o impulso de Hollywood para Washington. Steven Spielberg e os seus amigos milionários têm investido neste jovem e inexperiente senador do Michigan que, onde quer que vá, é tratado mais como uma estrela rock do que como político. E se há algo de que Hollywood percebe é de estrelato. E qual é a sua mensagem? Precisamente que a América tem de se afastar deste novo tribalismo e regressar à civilidade e ao pragmatismo, os dois grandes legados da cultura social britânica, dois dos principais pilares da democracia americana.

O tempo dirá se o Senador Barack Obama, o político com um nome «estranho» é uma mera moda de Hollywood ou o futuro real da democracia nos Estados Unidos. A julgar pela forma como o público, até agora, o recebeu, parece ter um futuro brilhante à sua frente, ganhe ou não a presidência. Será possível a um africano pôr fim ao tribalismo nos Estados Unidos e trazer de volta o senso comum do centrismo à política externa americana? Esta, sim, é uma ironia que todo o mundo certamente agradecerá.